

Interfaces Musicais - Um problema antigo

*Domingos Aparecido Bueno da Silva
Mestrando em Antropologia Social
Progr. Pós Grad. em Antropologia Social
Universidade Fed. de Santa Catarina
Florianópolis - S.C. - Brasil
Cx. P 476 - CEP 88010-970
cso3dab@ibm.ufsc.br*

Resumo

O interesse deste ensaio é tentar compreender até que ponto a notação musical, enquanto um sistema de signos que permite representar acontecimentos sonoros (limitados), deveria ser pensada não somente em termos de suas características intrínsecas, mas também enquanto uma interface entre o homem e a sua criação.

As questões referentes a esta interação/ferência que serão levantadas no decorrer do texto, procuram incentivar uma discussão mais aprofundada à cerca da nossa relação com o meio informático enquanto interface, levando-se em conta que, embora criativa e original, tem em seus princípios constitutivos, uma dependência muito grande com esta outra, a notação, com todas as implicações e limitações que lhe são características.

A procura de um pensamento musical

Nesse texto, assumo a premissa de que devemos ampliar a discussão para além das definições binárias simplistas quando referimo-nos à cultura de outras sociedades, no nosso caso à música, (e por outras entendidas todas as culturas ágrafas e não ocidentais), quase sempre colocada em termos etnocêntricos do tipo nós/eles, desenvolvido/primitivo, sempre com um julgamento de (des)-valor, se quisermos efetivamente penetrar com mais profundidade no universo do acontecimento sonoro.

Nossos conceitos de desenvolvimento e progresso nos colocam frente a situações e definições em que o outro lado aparece desprovido de sentido ou de qualquer forma de lógica formal. A realidade, no entanto, é de que esses são os nossos padrões ocidentais de lógica, progresso desenvolvimento e mesmo linguagem, assim como são exclusivamente ocidentais a perspectiva, o racionalismo, o positivismo, o materialismo e o individualismo. O conceito de Tonalidade, assim como todas as suas ramificações dialéticas (atonalismo p. ex.), é exclusivamente ocidental e totalmente depende de um 'meio' simbólico específico para desenvolver-se.

Quer me parecer então que a utilização e o desenvolvimento no nosso cotidiano de compositores e/ou programadores, de samplers, filtros, aplicativos, interação c/ imagem, estaria um tanto comprometido enquanto interface, pela própria maneira como percebemos o universo sonoro, que em última instância, é condicionada pela cultura.

A grafia e a notação musical

As questões ligadas às diferenças entre as culturas sempre foram alvo de interesse dos principais pensadores da história da humanidade. As teorias mais modernas dispensam quaisquer julgamentos de valor entre as sociedades, posicionando a cultura no centro das especulações.

Entre os antropólogos, foi Lucien Levy-Bruhl, filósofo e antropólogo francês, que primeiro coloca essa questão nestes termos, sugerindo que a explicação das diferenças entre culturas pudesse ser entendida à partir "do pensamento criador e dos processos mentais que, em cada e todas as sociedades, determinam sua cultura", distinguindo entre pensamento lógico e pré-lógico.

Já em 1962 um outro francês, Claude Levi-Strauss publicava "O pensamento Selvagem" onde delineava esta questão das diferenças em termos de modos de pensar, reconhecendo duas instâncias básicas: o pensamento selvagem, (concreto, sensorial e sensível), e o pensamento domesticado, (abstrato e racional), criticando Levy-Bruhl no sentido de que cada sociedade teria uma lógica própria. Levi-Strauss fala-nos em termos de dois níveis estratégicos, sendo "um muito próximo da intuição sensível e outro mais afastado", porém não nos dando nenhuma pista de em função de que se dariam esses dois níveis.

Será o inglês Jack Goody no seu livro "A domesticação do pensamento selvagem" que, retomando a problemática levantada por seus sucessores, e em especial Levi-Strauss, que parece ter chegado ao centro da questão. Sua discussão da problemática situa-se em como os modos de pensar e as formas de pensamento mudaram no espaço e no tempo. Vai demonstrar que são os instrumentos culturais que dispõe uma determinada sociedade e não outra, os determinantes de "estilos cognitivos, de modos de pensar o universo".

Não é nenhuma novidade que foi o surgimento da escrita o grande divisor de águas da história da humanidade. Em nossa civilização ocidental (e gráfica) não há nenhuma área em toda atividade humana, principalmente a nível do pensamento, que não tenha sido profundamente afetada pelo surgimento da grafia. A passagem do universo mágico ao científico, a organização do estado e da economia (a burocracia), do coletivo ao individual, foram mudanças tornadas possíveis, necessárias e por vezes, consequência desta nova interface.

Para Elsje M. Langrou, a abordagem de Goody é nova quando "entra mais fundo nas categorias de entendimento de povos com e sem escrita. Uma crítica e uma análise sistemática de uma informação supõe um distanciamento que só a escrita possibilita, e esta objetivação vai acompanhada de uma esquematização em listas e diagramas que abstraem e opõe, de uma maneira "coerente e consistente", fenômenos que, na fugacidade do fluxo do tempo, não aparecem desta maneira esquematizados e simplificados ...".

O mesmo se dá em relação à música. A possibilidade de registrar sons numa partitura, ou seja, o ato de registrar graficamente um som, priva-lhe de suas características eminentemente sensoriais/temporais (diferentemente de um quadro, p. ex., um acontecimento sonoro tem uma duração delimitada no tempo), e lhe confere um outro status, muito mais abstrato/estático; matéria básica para o seu desenvolvimento posterior.

A partitura, da mesma maneira que a escrita em relação à fala, estanca o fluir dos sons, permitindo então a busca de elementos de contradição e redundância, a harmonia, o contraponto, a orquestração, a reflexão sobre o desenvolvimento e a forma. É claro que todas estas características seriam impossíveis de serem trabalhadas de uma maneira puramente auditiva, ainda mais em peças relativamente longas.

O paralelo com a grafia é necessário pois, apesar da notação ser muito mais recente, as conseqüentes resultantes de seu surgimento já demonstradas sugerem grandes semelhanças, principalmente no sentido em que ambas criam novos "estilos cognitivos" e modos diferentes de pensar o mundo. Isso permite-nos algumas especulações.

Por exemplo, no caso da escrita musical, se é através da representação gráfica dos sons que pode-se manipulá-los, não seria também através dela que eles seriam anteriormente processados? E mesmo no caso da audição interior (ouvido interno), não haveriam categorias apriorísticas definidas, como temperamento, escalas, modos e o "tempo", que novamente nos remetem a um universo simbólico que é dado pela interface?

O computador, assim como todos os dispositivos para produção/reprodução de som, altera radicalmente a relação do homem com o universo sonoro. Pensado enquanto uma interface que se utiliza de uma outra interface (gráfica) para comunicar-se com o usuário, que por sua vez tem o seu próprio arcabouço empírico e teórico, somada às várias tecnologias "indispensáveis" a um estúdio digital contemporâneo, (cabos, impedância, analógico/digital, multicanal, etc), ele acaba, creio eu, nos distanciando mais e mais de um suposto pensamento musical, que deveria interagir criativamente com as várias instâncias de mediação.

No nosso caso, minha hipótese é a de que a interface assumiu uma parte muito maior do que lhe cabe na produção artística.

Como elemento de comparação podemos utilizar a música européia do século X e o barroco do século XVI, e o quanto a notação alterou as suas características. Portanto, os meios de que se dispõe para operar em qualquer área do conhecimento humano alteram radicalmente os modos de operá-lo. Nesse sentido não são ingênuos nem inocentes e atuam mesmo como co-criadores no processo criativo.

Dai a importância dos modelos interativos, desde que eles incluam possibilidades de interagir com outras estruturas de pensamento, principalmente aquelas em que os padrões do cravo-temperado ainda não deixaram suas marcas.

BIBLIOGRAFIA

- Goody, J. (1988) *Domesticação do pensamento selvagem*. Lisboa. Editorial Presença.
 Lagrou, Else M. (1992-93) *Caminhos, duplos e Corpos*, PPGAS-USP- São Paulo.
 Lévi-Strauss, C. (1962) *La pensée sauvage*. Paris: Plon.
 Lévi-Bruhl, L. *A mentalidade primitiva*. São Paulo. Zahar.
 Peirce, C.S. (1977) *Semiótica*. São Paulo. Ed. Perspectiva S.A., Estudos.